

# Dívida externa e represálias dos EUA esquentam reunião da OCDE

ANY BOURRIER

PARIS — Quando os 25 Ministros de Economia e Finanças dos países-membros da OCDE se reúnem, na sua conferência anual, sabe-se que as discussões serão tediosas e o comunicado final, inócuo.

Este ano, porém, algo de novo aconteceu nos salões decorados com móveis de estilo do Chateau de la Muette, sede da OCDE em Paris. Durante a reunião ministerial, que se realizou esta semana, os representantes dos 25 países da OCDE perderam o sangue frio e a conferência terminou em bate-boca. Formaram-se dois grupos adversários, que deram tiros para todos os lados, exceto no momento de assinar o comunicado final, texto vazio e sem sentido. A causa de tanto desentendimento foi a dívida externa dos chamados “países intermediários”, entre os quais o Brasil. Também foi criticada a política comercial americana, principal-

Telefoto Reuter



Carla Hills, dos EUA, alvo dos ataques

mente a “lista negra” de países suspeitos de comportamento desleal, que são ameaçados com represália por subsidiarem as exportações.

Não é preciso dizer que o Governo americano, defendido pela elegan-

te e sedutora Carla Hills, jurista que George Bush nomeou Secretária do Comércio, passou dois dias no banco dos réus. Os japoneses, que foram catalogados em primeiro lugar na lista negra, antes da Índia e do Brasil, denunciaram com violência a atitude que chamaram de unilateral dos Estados Unidos, que consideraram “perigosa para o futuro do intercâmbio internacional”. Sosuke Uno, Ministro do Exterior, que será o próximo Primeiro-Ministro do Japão, não hesitou em acusar os americanos de estarem “sabotando o novo crescimento da economia mundial, em nome de seus interesses internos”. A palavra “unilateral” ficou nos anais — embora não apareça no comunicado final — como uma das expressões-chave da conferência.

Os japoneses encontraram, em Paris, aliados dispostos a apoiá-los na briga contra o protecionismo americano. Os países da Comunidade Econômica Européia, vítimas, no passa-

do, de diversas manobras de protecionismo dos Estados Unidos, aproveitaram a ocasião para protestar contra “o desrespeito das regras do Gatt”. Embora nenhum país da Europa esteja na lista negra, os europeus reclamaram que “nenhum país tem direito de interpretar à sua maneira as regras do Gatt e de tomar medidas com base nisso”.

Antes de começar a brigar por causa da dívida externa da América Latina, os participantes da conferência ministerial da OCDE ainda passaram uma tarde discutindo a “atitude egoísta” dos Estados Unidos que, ao aumentar as taxas de juros bancárias, permitem que as cotações do subam nos mercados cambiais.

— Está na hora de segurar a alta do dólar, que só está subindo por razões de interesse interno dos Estados Unidos — protestou Pierre Berégovoy, Ministro das Finanças da França. Para ele, “os Estados Unidos querem que o resto do Mundo pague a conta de seu déficit público”.